

# Evangelizar em mundo plural: paróquias evangelizadoras?<sup>1</sup>

## Evangelization in a plural world: parishes that evangelize?

Cleto Caliman<sup>2</sup>

### Resumo

A missão da Igreja é evangelizar: anunciar ao mundo a boa-nova do Reino de Deus, levando adiante a missão de Jesus. O presente artigo parte da pergunta: em que condições, no mundo pluralista de hoje, a paróquia é uma estrutura que ajuda a evangelização? O mundo em que vivemos não é mais homogêneo, como era o da cristandade. Ele é pluralista. Temos que contar com ele no século XXI. Pretendemos focalizar, especificamente, a paróquia, confrontando-a com a nossa pergunta: ela tem condições de ser evangelizadora? A resposta não pode ser simples. Ela está em algumas teses: cinco são sobre a história da paróquia. Outras cinco sobre as condições para que a paróquia atual seja evangelizadora. O autor finaliza enunciando algumas alternativas à paróquia tradicional, a fim de que ela continue a ser, de modo criativo, um instrumento de evangelização, deixando de ser simplesmente territorial, administrativa, clerical, para ser um laboratório de rede de comunidades, grupos, movimentos.

**Palavras-chave:** Paróquia; Evangelização; Pluralismo.

O enunciado do nosso tema contém três elementos: “evangelizar”, “mundo plural”, “paróquia evangelizadora?”. Damos por compreendido o que se entende por evangelização.<sup>3</sup> Damos por evidente também que o mundo em que nos é ofertado viver não é mais homogêneo, como era

1. Artigo recebido em março/2007 e aceito em maio/2007.

2. Doutor em Teologia pela FAJE, professor de Teologia do ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino) e da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), em Belo Horizonte. e-mail: c\_caliman@salesiano.br

3. As DGAE 2003-2006 (Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – CNBB) tratam da evangelização: no cap. I - “Missão da Igreja: evangelizar” (p. 13-43). As DGAE anteriores, de 1999 a 2002, trabalham esse ponto do n° 64 a 117. O n° 109 afirma: “A principal responsabilidade da renovação missionária de toda a Igreja está na Igreja particular. Ela é o principal sujeito da missão evangelizadora...”. O grande documento sobre evangelização continua ainda a **Evangelii Nuntiandi**, de Paulo VI, 1975. A evangelização é “a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (n. 14). Veja-se, sobretudo, o cap. II: “O que é evangelizar?”

o da cristandade. Ele é pluralista. Esse é um dado da nossa realidade.<sup>4</sup> É um dado de fato.

Na análise de nosso tema procedemos por partes: na *primeira* oferecemos alguns pontos da história da paróquia. Conhecendo suas origens e desenvolvimento, talvez possamos conhecer melhor sua natureza e suas limitações no contexto da realidade complexa e pluralista de hoje; na *segunda* parte tentamos responder ao desafio proposto: paróquias evangelizadoras? Sob que condições?

## Sobre a história da paróquia

A história continua sendo mestra da vida. Partindo das interpelações e desafios do presente, olhamos para o passado, relemos o caminho percorrido, para superar os entraves que emperram a paróquia na sua tarefa principal. Não podemos repetir erros passados. Só assim podemos preparar o futuro.

**Tese 1:** a paróquia,<sup>5</sup> sem dúvida, foi uma instituição fundamental da “era constantiniana” da Igreja, desde o século IV até o seu ocaso, nos anos de 1960.<sup>6</sup> Ela começou como comunidade de vizinhança e foi se adaptando às diferentes conjunturas históricas em que a Igreja vivia.

**Tese 2:** no início da “era constantiniana”, desde o edito de Milão, 313, de tolerância do cristianismo, declarado então como *religio lici-*

4. Cf. Fernandes (2006) que mostra um quadro de “desfiliação institucional”, de “destraditionalização” num contexto de pluralismo. Ver, também, Antoniazzi (2004). O mesmo Antoniazzi (2000, p. 89) diz: “o indivíduo não adere mais a uma religião institucionalizada, mas reduz a religião a um sentimento pessoal, íntimo, não acompanhado pela participação em comunidades ou instituições religiosas. Ao mesmo tempo, não deixa de rezar, ao menos ocasionalmente, e de acreditar em Deus, quase sempre”. Sobre as mudanças do mundo atual, cf. Neutzing (2006, p. 35-65). Nessa nova situação, pode nos ajudar a compreender melhor a realidade Touraine (2005, p. 211): as mudanças analisadas por Touraine fazem deslocar a análise do paradigma político para o social, e deste para o cultural. Neste, a atenção não vai para o sistema de pertencas ou para as relações políticas ou sociais, mas para os atores: “A análise não tem mais como objeto principal a sociedade, mas atores que já são mais que sociais, porque são definidos não apenas por suas pertencas e por relações sociais, mas também por direitos culturais, de modo que são realmente indivíduos completos e não mais abstrações, como o eram ainda o cidadão ou mesmo o trabalhador. A consciência dessa inversão nos permite também compreender o esgotamento das formas políticas de pensamento e de ação que herdamos do passado.”

5. Do grego *paroichía* (*par* = ao lado + *oikía* = casa), significa, na prática, vizinhança, comunidade de vizinhança, de habitações vizinhas. A exortação apostólica pós-sinodal **Christifideles Laici**, n. 26, diz que a paróquia “é a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”.

6. Cf. Queiruga (2003). A temática desse livro transformou-se, de certo modo, recorrente. Em 1961, M.-D. Chenu falou de “la fin de l’ère constantinienne”; em 1969, Van der Pol anuncia “o fim do cristianismo convencional”; em 1980, J. B. Metz fala de um cristianismo “para além de uma religião burguesa”. Anuncia o fim da religião burguesa, ou seja, do cristianismo burguês. Agora, Queiruga vem com o “fim do cristianismo pré-moderno”. Afinal, o que acaba, o que continua e o que é mesmo a novidade do que chega?

ta, ao reconhecimento do cristianismo como religião do Estado, com Teodósio, 380 (BORRAS, 1997, p. 17-22), dá-se uma forte expansão da Igreja. O edito de 380 ordenava que os súbditos do império deveriam seguir a fé católica.

A comunidade eclesial era então eminentemente episcopal e urbana.<sup>7</sup> Na cidade, rodeado pelos presbíteros e diáconos, o bispo tinha a sua “cátedra”. Essa expansão se dá em direção ao interior rural, para onde o bispo desloca presbíteros para atender à nova realidade da Igreja. Há, pois, um deslocamento do urbano ao rural (*extra muros* – fora dos muros da cidade), do bispo ao presbítero. Desde então, o presbítero começa a ser designado de *sacerdos*, mas *secundi ordinis*, de segunda ordem.

**Tese 3:** ao longo da Idade Média, adaptando-se às novas condições do período feudal, a paróquia foi ocupando uma função importante. Constituiu-se num lugar de encontro entre a Instituição eclesial e a religiosidade popular. Esse processo se deu, sobretudo, no avanço dos povos migrantes, especialmente germânicos, no período da decadência e queda do Império Romano.<sup>8</sup>

**Tese 4:** para compreender o papel da paróquia no período que transcorre desde o fim do império romano até meados do século XX é preciso ter em conta dois pressupostos do seu espaço histórico específico:

- a) o princípio territorial, já definido pelo cânon 8 de Nicéia (325): em cada cidade haja um só bispo, contra os arianos. Assim, a paróquia nasce como expressão do princípio territorial;
- b) o princípio da homogeneidade cultural, como fato da cristandade medieval, ou como objetivo a ser alcançado na

7. O século IV foi marcado profundamente pela crise ariana, que se espalhou por toda a Igreja, já então a principal força política do império romano. Foi a prova de fogo do cristianismo. Em determinado momento, a maioria dos bispos era ariana. Quem sustentou a ortodoxia foi o povo fiel. Para garantir a unidade da Igreja (e em consequência do império), o próprio imperador Constantino convoca um Concílio, que se realiza na cidade de Nicéia, perto do palácio imperial (325). No cânon 8, o Concílio prescrevia: “não deve haver dois bispos por cidade”. O princípio territorial agora vai influir cada vez mais na organização da Igreja local, inclusive paroquial. Sobre o arianismo, cf. Simonetti (2002, p. 149-153).

8. A essa nova conjuntura histórica pretende responder, por exemplo, Agostinho, no seu grandioso tratado **De Civitate Dei contra paganos**. Sob o impacto das “invasões dos bárbaros”, o império romano se dissolvia. Em 410, Alarico invade e saqueia Roma, o centro do Império. Os pagãos acusam os cristãos: isso acontece porque os “ateus” cristãos abandonaram a antiga religião romana. Desde que chegaram os cristãos, nosso mundo começou a decair em tudo (*ex quo christiani sunt, in omnibus deficit mundus*). Em reação a essas acusações é que Agostinho escreve sua grandiosa obra.

nova cristandade (na era contemporânea).

Assim, o caminho iniciado no século IV vai se firmando. Na Idade Média, assimilando o sistema feudal; no início dos tempos modernos, com o Concílio de Trento, contrapondo-se à reforma protestante e ao desenvolvimento da modernidade em choque com a Igreja. A paróquia se torna, na prática, a instituição-chave do sistema pastoral tridentino.

**Corolário:** no Brasil colonial, temos um cristianismo leigo, de pouca missa e muita reza. O lugar do leigo em geral é a capela, onde acontecem as rezas e procissões. A paróquia é o lugar da autoridade, da burocracia. No século XIX, no processo assim chamado de “restauração”, quando na prática se introduz no Brasil a reforma tridentina, com os bispos reformadores, tentou-se “paroquializar” o espaço eclesial e religioso popular. O leigo foi “despotencializado” (CASTILLO, 1997, p. 91-130). Verifica-se, no entanto, uma diferença entre a demanda dos fiéis por festas e culto aos santos, e o interesse do clero pelo dogma e pela norma. Assim, a paróquia fica sendo lugar exclusivo do padre. A restauração do século XIX e a nova cristandade que lhe dá continuidade no século XX não conseguem enquadrar o catolicismo popular. Ainda hoje ele segue o seu caminho de autonomia em relação à Igreja oficial.

**Tese 5:** a estrutura tradicional da paróquia é hoje desafiada pelas profundas transformações do mundo de hoje:

- a) pela nova experiência do “tempo-espaço”. A “fluidez” do território (cf. SANTOS, 1993, p. 35-47)<sup>9</sup> possibilita o deslocamento fácil de um lugar ao outro, relativizando o tradicional princípio territorial;
- b) o pluralismo cultural e religioso quebra a homogeneidade cultural e religiosa dos tempos da (nova) cristandade,<sup>10</sup> e, conseqüentemente, abre-se a perspectiva do pluralismo religioso como fato iniludível da experiência religiosa atual;
- c) o novo “continente virtual” se expande cada vez mais. Ele depende cada vez menos da base material para as relações intersubjetivas e sociais, ligadas à natureza e à experiência tradicional do “espaço-tempo”. O “continente virtual” pos-

---

9. A revolução tecnológica acelera o tempo e redesenha o espaço. Segundo Floristán (2002, p. 669): “Desaparece a uniformidade territorial do sistema paroquial tridentino.”

10. Entende-se: da “cultura cristã”, da “cultura católica”. É o famoso “substrato católico” de que fala, por exemplo, o documento de Puebla n. 1, 7 e 412.

sibilita em tempo real a formação de “comunidades virtuais” de todo tipo, grupos que se ligam a partir de interesses específicos, num pluralismo sem contornos. A revolução informacional amplia as possibilidades de comunicação, mas desliga os sujeitos do seu mundo material imediato.<sup>11</sup>

O que fazer com a paróquia? Alguns pensaram em abandoná-la. Outros já acham que ela pode e deve ser resgatada. É possível? Como?

## Paróquias evangelizadoras?

Eis a nossa pergunta: a paróquia<sup>12</sup> pode ainda ser resgatada para ser realmente comunidade de fé e, em consequência, realmente evangelizadora? Entre os muitos pontos de estrangulamento, citamos:

*Primeiro*, o processo de urbanização acelerado e caótico acabou gerando paróquias, sobretudo, urbanas, enormes. Elas esgotam as energias dos agentes de pastoral na rotina burocrática, na multiplicidade de tarefas. A paróquia, assim, se torna incapaz de acompanhar a vida dos fiéis;<sup>13</sup>

*Segundo*, a estrutura paroquial é ainda dependente demais do clero. “A organização da Igreja católica está muito dependente do padre e da paróquia” (CNBB, 2007, p. 61);

*Terceiro*, de qualquer forma, “concretamente, para a maioria dos nossos fiéis, a relação entre *instituição* e *comunidade* acontece na *paróquia*. É aí que todos podem encontrar a Igreja”, mas “pelo número de fiéis que deve atender, pelo estilo com que é às vezes ‘administrada’, por hábitos de rotina pastoral, a paróquia pode deixar insatisfeitas muitas pessoas, que buscam formas comunitárias de viver a sua fé” (CNBB, 2007, p. 142).

Quais as condições objetivas para que uma estrutura eclesial seja realmente evangelizadora? Nossa pergunta direta é quanto à paróquia, mas creio ser bom ampliá-la para outras estruturas eclesiais. Para os que

11. Hoje é cada vez mais estudado o fenômeno da comunicação virtual. Cf. o texto citado de Neutzing, nota 1. Veja a trilogia de Castellls (1999). O autor estuda bem o fenômeno novo do espaço virtual.

12. Além do livro organizado por Londoño (1997), ver também Floristán (2002), o capítulo sobre a paróquia (p. 669-688) traz um breve histórico das tentativas de renovação da paróquia no século XX. A paróquia estava num dilema: ou se torna comunidade missionária ou deve ser abandonada. Diz-se que a paróquia, antes do Vaticano II, sofria de dois pressupostos incorretos: teológico: a paróquia carecia de vertebração eclesial; sociológico: a paróquia era considerada comunidade sem sê-lo. Só uma correta teologia da Igreja local pode resgatar a paróquia de suas fraquezas.

13. Cf. Antoniazzi e Caliman (1998, p. 229-260; p. 257 *et seq.*). Esboço de projeto de pastoral centrado no primado da pessoa apresentado na Assembléia Anual da Soter (Belo Horizonte, julho de 1998).

ainda acreditam que a paróquia seja uma instituição que deve mudar para ter futuro (cf. PAYÁ, 2005),<sup>14</sup> prosseguimos com as nossas teses.

**Tese 6:** a primeira condição é passar da pastoral de (neo)cristandade, uma pastoral de conservação, de manutenção, a uma pastoral missionária, evangelizadora. A pastoral tradicional se entendia voltada para dentro da Igreja. Uma pastoral evangelizadora só pode se entender dentro de uma relação da Igreja com o mundo. É fundamental para isso retornar ao Concílio Vaticano II. Sua compreensão de Igreja vem não só da **Lumen Gentium**, mas também da **Gaudium et Spes**. A Igreja, povo de Deus, é peregrina neste mundo e se situa dentro dele não como *impe-ratrix*, ou mesmo como *magistra*, mas, nas palavras de Paulo VI, em seu discurso de encerramento do Concílio, como *servidora*. E seu serviço essencial ao mundo é viver o Evangelho de Jesus Cristo para proclamá-lo como salvação dentro do mundo de hoje.

Além do mais, em tempos de pós-modernidade, uma pastoral realmente evangelizadora, missionária, deve superar as *relações desiguais* dentro das quais passava a evangelização tradicional: homem-mulher, pai-filho, clérigo-leigo; e as relações de *poder*: do *Estado* (por exemplo, na cristandade colonial), de uma *classe* (a burguesia no projeto da nova cristandade), buscando *relações entre iguais*, pelo testemunho evangélico de vida.

**Tese 7:** passar de uma Igreja *de autoridade exclusiva do clero*, na qual o leigo não tem “lugar”; de uma Igreja *do papel supletivo do leigo*, entendido como *longa manus* da hierarquia – os leigos são quando muito “auxiliares do clero”;<sup>15</sup> para uma Igreja, povo de Deus, povo de batizados, sujeitos no grande sujeito que é a Igreja. Assimilar a eclesiologia do Concílio Vaticano II é um grande passo, mais, uma condição para a renovação das estruturas eclesiais em direção a uma evangelização renovada.

14. Simples e didático, o livro se propôs trabalhar o tema da paróquia em quatro núcleos: 1. a paróquia na Igreja particular; 2. a paróquia, comunidade batismal; 3. a paróquia, comunidade eucarística; 4. a paróquia, comunidade missionária.

15. Ver o documento da Assembléia do Episcopado latino-americano do Rio de Janeiro, 1955, título IV: “Auxiliares do Clero”. Hoje se fala muito de “protagonismo” dos leigos. Assim se expressa, por exemplo, o **Documento de Santo Domingo**, n° 97. Talvez fosse mais adequado falar em co-responsabilidade. Assim se expressa a **Christifideles Laici**, no subtítulo do cap. III: *A co-responsabilidade dos fiéis leigos na Igreja-missão*. Convocando o leigo a ser protagonista, introduzimos uma desigualdade numa comunidade de iguais na fé, como queria o Concílio. Todos nós somos responsáveis na Igreja e na sua missão no mundo, conforme o dom que o Espírito concede. Realizamos a Igreja – comunidade de carismas e ministérios.

**Tese 8:** numa Igreja repensada com base no Concílio, numa paróquia repensada a partir dessa eclesiologia batismal do povo de Deus, é fundamental centrar a ação evangelizadora não na *instituição* e nos seus “interesses”,<sup>16</sup> mas na *pessoa*, superando, dessa forma, o modelo pastoral tridentino, que afirmava o primado da Instituição.

**Corolário:** a Igreja por excelência é a Igreja particular (presidida pelo bispo: diocese). Ela é o *sujeito eclesial* por excelência. Nesse sujeito situam-se os demais sujeitos eclesiais. Na Igreja particular é fundamental articular comunidades, grupos, realidades agregativas de dimensões humanas, com a Igreja como um todo (articulação macro-micro). As estruturas intermédias são instrumentos necessários para isso. Assim, a dimensão comunal, que é própria do ser Igreja, chega a se concretizar numa forma social, a Igreja como comunidade de convocados para expressar a comunhão trinitária, que transborda para o mundo.

**Tese 9:** a Igreja particular e, dentro dela, a paróquia devem colocar no centro do seu projeto pastoral a *Palavra de Deus* e a *fé* como provocação à *conversão* da pessoa ao projeto de Jesus, para que cada batizado se sinta convocado como discípulo e missionário da boa-nova do Reino.

O Vaticano II retoma a eclesiologia eucarística e comunal do Primeiro Milênio. Valoriza o episcopado dentro da Igreja local ou particular e da comunhão das Igrejas. Esse deslocamento na direção da Igreja particular ressalta a sua originalidade enquanto situada concretamente em um “espaço humano”. Dessa forma, o Concílio abre a possibilidade de compreender a Igreja a partir da Igreja local (cf. ROUTHIER, 1991, p. 277-334).<sup>17</sup> De fato, o “universal” da Igreja não existe em si mesmo, separado da realização de cada Igreja particular. A Igreja universal só existe “nas e a partir das Igrejas particulares” (LG, 23), que são convocadas a formar a sinfonia da comunhão das Igrejas, presidida pelo serviço petrino do bispo de Roma, sinal visível da unidade de todos os fiéis e de todas as Igrejas em Cristo.<sup>18</sup> A universalidade da

16. Ainda que a instituição seja também necessária como serviço. Diz a *Lumen Gentium* n° 8a: “O organismo social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que o vivifica para o aumento do corpo.”

17. À página 277, afirma: “A possibilidade de compreender a Igreja a partir da Igreja local é uma das maiores conquistas da eclesiologia do Vaticano II.”

18. Cf. Libanio (1974, p. 36 *et seq.*): “A universal é a presença do sinal de salvação para o mundo, para toda a humanidade... A Igreja universal antecede a qualquer Igreja particular, no sentido dialético, de que cada membro, cada Igreja particular nasce para a Igreja universal que a preexiste... A Igreja

Igreja se entende, pois, não como grandeza histórica resultante da soma de todas as Igrejas locais, mas como a própria Igreja local enquanto expressa a vontade salvífica universal de Deus aqui e agora.<sup>19</sup>

**Tese 10:** as estruturas eclesiais serão evangelizadoras se elas se voltarem ao seu objetivo: evangelização. Esta visa, em novos contextos, e aqui retomo o n° 90 do **Projeto rumo ao novo milênio**: “recriar a experiência cristã para uma nova síntese entre fé e vida, fé e história, no cotidiano de uma comunidade ou de um povo”. Esse objetivo se alcança em três passos:

*Primeiro*, como experiência pessoal de Deus em Jesus Cristo, refazendo a unidade entre a dimensão contemplativa e orante e o cotidiano da vida, unidade enfraquecida ou mesmo perdida no contexto do mundo secular;

*Segundo*, como processo par refazer o tecido cristão das comunidades eclesiais, formando assim comunidades maduras, alimentadas pela escuta da Palavra de Deus e a celebração da Liturgia;

*Terceiro*, como impulso às comunidades cristãs para saírem de suas próprias fronteiras para um novo compromisso com a missão da Igreja.

Ou seja, não uma Igreja “jardim fechado”, mas espaço, escola de comunhão, de solidariedade, de partilha para a vida do mundo.

## Conclusão

1. Se “as diversas reformas melhoraram a paróquia, mas acabaram por reduzi-la sempre a uma estrutura burocrático-admi-

---

particular é o acontecer eventual dessa Igreja universal... A Igreja particular não é uma província ou circunscrição da Igreja universal. É a Igreja universal acontecida.” Sobre esse tema e ao redor da “Carta aos Bispos da Igreja católica sobre alguns Aspectos da Igreja entendida como Comunhão”, da Congregação para a Doutrina da Fé (28/5/1992), houve um intenso debate entre os Cardeais W. Kasper e J. Ratzinger. Enquanto o Concílio falava de “*Ecclesia in et ex Ecclesiis*” (LG 23), o documento da CDF acrescenta: “*Ecclesiis in et ex Ecclesia*”. Concebe a Igreja “universal” como “uma realidade *ontologicamente e temporalmente* prévia a toda Igreja particular *singular*” (grifo do documento). A diferença está no “temporalmente”: existiria uma “Igreja universal” empírica prévia a cada Igreja particular. A fórmula “*Ecclesiis in et ex Ecclesia*” parece equívoca: de qual Igreja empírica provêm as Igrejas particulares? Da Igreja de Roma? Então voltamos à compreensão gregoriana de Igreja (cf. KASPER, 2000, p. 795-804).

19. Cf. COMMISSIO THEOLOGICA INTERNATIONALIS (1985, n° 5.3): “In medio particularium ecclesiarum universalis complexionis gremio stat quoddam centrum, quoddam relationis signum: Romana particularis ecclesia.” Ou seja, numa eclesiologia de comunhão, a Igreja de Roma deve ser vista como uma Igreja particular ou local com responsabilidade própria e universal.

nistrativa”, a uma “agência de desobriga”,<sup>20</sup> o nosso *desafio* é fazer da paróquia um “laboratório” de comunidades, grupos etc.;

2. Se a paróquia tradicional é territorial, burocrática, administrativa, centrada no padre, o nosso *desafio* será buscar um modelo mais evangelizador, mais participativo, de co-responsabilidade e comunhão, um modelo que seja capaz de ir além das próprias fronteiras, articulando-se com os vários níveis eclesiais. Esse modelo começa com a fé: conversão, adesão, compromisso com a comunidade e vai ao ponto de chegada: a vida sacramental, como alimentadora da inserção do batizado no mundo (STRAGLIOTTO, 1997, p. 251 *et seq.*);
3. Se a paróquia tradicional se parecia mais com um “aglomerado de sócios”, com uma “sociedade de fiéis”, nosso *desafio* é recuperar o verdadeiro sentido de comunidade: pensar a paróquia como “comunidade de comunidades e movimentos...” ou “rede de comunidades, grupos e movimentos”, em que os participantes se sintam e sejam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo (STRAGLIOTTO, 1997, p. 252 *et seq.*);
4. Se a paróquia tradicional está centrada nos sacramentos, na matriz, no padre, o nosso *desafio* é animar comunidades em processo de discipulado: centrado na Palavra (STRAGLIOTTO, 1997, p. 255).<sup>21</sup> Assim, a matriz muda: ela é uma das comunidades, e pode ser um centro de serviços para o conjunto de comunidades; o padre muda: ele não é o “dono”, mas o primeiro servidor, animador da(s) comunidade(s), ele não é só “celebrante”, mas formador e referência da caminhada da comunidade (cf. DGAE, 147, 148);
5. Se a paróquia tradicional era centralizadora, o nosso *desafio* é construir paróquias descentralizadas, sob os princípios da autonomia, da co-responsabilidade, da subsidiariedade.

Só assim teremos uma oportunidade importante de mudar a história da paróquia!

### Abstract

The Church mission is to evangelize: to announce to the world the good news of God's Kingdom, carrying out Jesus' mission. This article starts with a question:

20. Stragliotto (1997, p. 248-278) pretende responder a essa pergunta: “é possível fazer da paróquia um serviço realmente evangelizador?”

21. “A fé não depende do padre, mas da conversão a Jesus Cristo”.

under what conditions, in today's pluralist world, is the parish a structure that fosters evangelization? The world we live in is no longer homogeneous, as that of Christianity. It is pluralist. We must count on it in the 21<sup>st</sup> century. . The article focuses specifically on the *parish*, confronting it with our question: does it have the conditions to be an evangelizing agent? The answer cannot be simple. It is contained in some theses: five about the history of the parish, and another five on the conditions for current parishes to be capable of evangelizing. The author finishes by proposing some alternatives to the traditional parish, so that it may continue to be, in a creative way, an instrument of evangelization: no longer simply a territorial, administrative and clerical office, but a laboratory of nets of communities, groups and movements.

**Key words:** Parish; Evangelization; Pluralism.

## Referências

- ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN, Cleto. A pastoral católica: do primado da instituição ao primado da pessoa. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). **Sob o fogo do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 229-260.
- ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo: Paulus, 2004.
- ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil, segundo o Censo de 2000. **Magis: Cadernos de Fé e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 83-109, ago. 2002.
- BORRAS, Alphonse. **La parrocchia: diritto canonico e prospettive pastorali**. Bologna: Dehoniane, 1997.
- CASTELLLS, Manuel. **A sociedade em rede: o poder da identidade; fim de milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTILLO, José M. Sanz del. O movimento da reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao século XX. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 91-130.
- COMMISSIO THEOLOGICA INTERNATIONALIS. **Themata selecta de Ecclesiologia**. Roma: Libreria Ed. Vaticana, 1985.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen gentium: constituição dogmática sobre a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1967.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. 2003-2006. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CORSO, Marco dal. Paróquia e religião do povo. Paróquias e comunidades no universo rural brasileiro nos últimos 50 anos. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 171-208.
- DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a primeira República. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 131-170.
- DOMEZI, M. Cecília. A paróquia desafiada a ser comunidade de comunidades. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo:

Paulus, 1997. p. 209-247.

FERNANDES, Sílvia R. A. (Org.). **Mudança de religião no Brasil**: desvendando sentidos e motivações. Rio de Janeiro: Salesiana/CNBB, 2006.

FLORISTÁN, Casiano. **Teología práctica**. Teoría y Praxis de la acción pastoral. Salamanca: Sígueme, 2002.

FREITAS, Maria C. de (Org.). **Teologia e sociedade**: relevância e funções. São Paulo: Paulinas, 2006.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi***. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici***. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

KASPER, W. Das Verhältnis von Universalkirche und Ortskirche. Freundschaftliche Auseinandersetzungen mit der Kritik von Joseph Kardinal Ratzinger. **Stimmen der Zeit**, München, v. 218, n. 12, p. 795-804, dec. 2000.

LIBANIO, J. B. **Igreja particular**. São Paulo: Loyola, 1974.

LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1997.

NEUTZLING, I. **Teologia e Sociedade: relevância e funções**. Algumas anotações. In: Maria Carmelita de Freitas. (Org.). **Teologia e Sociedade: relevância e funções**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 35-65.

QUEIRUGA, A. Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno**: desafios para um novo horizonte. São Paulo: Paulus, 2003.

PAYÁ, Miguel. **A paróquia**: comunidade evangelizadora. São Paulo: Ave Maria, 2005.

ROUTHIER, G. 'Église local' ou 'Église particulière' - querelle semantique ou option théologique? **Studia Canonica**, Ottawa, v. 25, p. 277-334, 1991.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SIMONETTI, M. Arianismo. In: **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 149-153.

STEINKAMP, Hermann. Selbst wenn die Betreuten sich ändern. Das Parochialprinzip als Hindernis fuer Gemeindebildung. **Diakonia**, Sundbyberg, n. 2, p. 78-89, 1988.

STRAGLIOTTO, Orestes J. Perspectivas pastorais... É possível recuperar a Paróquia? In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 248-278.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2005.